

Frazer^(*) e a antropologia sociológica

FRANCISCO AYALA

(Tradução de LYGIA AZEVEDO)

FRANCISCO AYALA não é estranho aos leitores e estudiosos brasileiros de livros e ensaios de sociologia. Suas obras "Oppenheimer" e "El Problema del Liberalismo", publicadas pelo Fondo de Cultura Economica do México, bem como seus livros mais recentes, publicados em Buenos Aires nos últimos 12 meses, "Histrionismo y representación", "Los Politicos" e "Razon del Mundo", já eram conhecidos no Brasil, uns mais, outros menos, pelos intelectuais que acompanham a marcha do pensamento contemporâneo.

Dessas obras, merece referência à parte a última — "Razón del Mundo", em que o autor, ao proceder a "um exame de consciência intelectual", analisa agudamente o papel que deve caber à inteligência na época presente — tumultuosa, estúpida e cruel época — em que a sofredora humanidade carboniza as próprias entranhas nos horrores de um incêndio verdadeiramente universal.

A inteligência, como a religião, não foi capaz de exercer influência particular sobre o mundo nos anos imediatamente anteriores ao desencadeamento do conflito, muito menos depois que este se armou e, como lava infernal, cobriu os cinco continentes.

Nota-se hoje nos intelectuais de todos os países ocidentais um como que sentimento de culpa, de insatisfação consigo mesmos, indiciador de que reconhecem e não pretendem atenuar a participação direta e indireta da inteligência na condimentação do caldo de cultura que tornou possível a virulenta guerra nazi-fascista de nossos dias. Repontam, aqui e ali, manifestações de intelectuais despertos,

que descobriram que é preciso participar mais ativamente na reconstrução do mundo — na elaboração desse mundo melhor, que já está sendo anunciado.

O livro de FRANCISCO AYALA é uma verificação pessoal do drama e da responsabilidade da inteligência em face da estupidez, do obscurantismo e do egoísmo reinantes. Também e finamente realizou o autor essa tarefa retificadora, que o Clube El Libro del Mes, de Buenos Aires, e do qual fazem parte prestigiosos representantes da intelectualidade argentina, como Victoria Ocampo, Ricardo Baeza, Angel J. Battistessa, Pedro Enriques Urena, Jorge Lins Borges, Baldomero Fernandez Moreno e Enrique Amorim, ao pronunciar o julgamento correspondente a julho de 1944, considerou "Razón del Mundo" o melhor livro publicado no mês.

Especialmente contratado pelo Departamento Administrativo do Serviço Público para ministrar aos técnicos e demais interessados um curso sistemático de Sociologia, FRANCISCO AYALA, ex-Professor de Direito Político na Universidade de Madrid — onde já fôra assistente de Adolfo Posada — e na Universidade de la Laguna, é um valor positivo — e dos mais altos — das letras sociológicas espanholas. O justo renome de que goza na latinidade foi cimentado pelas suas atividades de professor, que tem exercido em universidades de cinco países — Espanha, Argenti-

(*) SIR JAMES GEORGE FRAZER nasceu em Glasgow a 1.º de janeiro de 1854; estudou na Universidade de Glasgow e na de Cambridge. Foi professor de Antropologia Social nas Universidades de Liverpool e Cambridge e, durante sua vida, foi alvo de muitas distinções oficiais.

na, Uruguai, Chile e Paraguai — pelos seus livros de Sociologia e Crítica literária e, finalmente, pelos seus ensaios e artigos de imprensa, notadamente pelos que publicou na "Revista de Occidente" e, de 1939 a 1944, em "La Nación", de Buenos Aires.

Do concurso que o Prof. Francisco Ayala poderá prestar à obra cultural do Departamento Administrativo do Serviço Público — obra de inspiração realista e oportuna — são indicações representativas o curso de conferências que está ministrando, no Auditório da A.B.I., às segundas-feiras, sobre o tema — Análise de nosso tempo — e o artigo com que inicia sua colaboração na Revista do Serviço Público. (B.S.).

COMO é sabido, a Sociologia constituiu-se disciplina autônoma pela confluência das mais variadas correntes do conhecimento humano, e, se bem que, uma vez constituída, venha conseguindo manter seu caráter unitário graças a determinações rigorosas de seu objeto e de seu método, nada impede, todavia, que se descubram, em seu corpo concreto, as tendências correspondentes àquelas diretrizes, às vêzes reunidas em feixe, porém quase nunca verdadeira e indissolúvelmente fundidas.

E ocorre ainda que abundam — não apenas entre o secundário ou inconsiderável — investigações sociológicas cuja atribuição estrita ao campo da Sociologia é discutível, duvidosa, uma vez que, presididas por um espírito de averiguação e exposição livre das tradições escolares e dos habituais pressupostos metodológicos, comportam referência a diversas disciplinas, sem, talvez, direito incontestável a nenhuma delas.

Eis o que se verifica com essa espécie de Antropologia tão diferente da filosofia e da naturalística — em que o estudo do homem vai até suas formas de vida e atitudes primitivas: não se propõe conhecer o "homem" nem como essência — à maneira da Antropologia filosófica — nem como "animal" — segundo a Antropologia naturalística. Colocada entre uma e outra, coleta, elabora e interpreta um caudal de dados relativos às criações do homem, e sobretudo, acêrca do

próprio homem, quando em formação; o que ela pretende é averiguar os fatos primordiais da cultura, estabelecer suas formas típicas e fixar suas regularidades. Quando abre uma perspectiva sobre o mecanismo da socialização, é Sociologia geral, ao passo que, quando indaga e ordena os conteúdos culturais dêsse mecanismo, é Sociologia da cultura...

Trata-se, precisamente, de uma daquelas grandes correntes do conhecimento humano, que — como a Filosofia da História, a Ciência Política, a Psicologia Social, a Teoria do Direito, etc. — desembocam no leito sociológico, sem perderem, não obstante, sua fisionomia própria.

Não é difícil investigar as origens desta literatura científica. Provém ela da fonte comum a todo o pensamento moderno — o espírito renascentista, e por um duplo caminho: o da aventura e descobrimento geográfico, e o das humanidades, da filologia clássica. A atividade do explorador lançado aos caminhos do mundo e a atividade se-

Faleceu em 1941. Entre seus numerosíssimos trabalhos contam-se os seguintes:

The Golden Bough (O Ramo Dourado), Londres, 1890. Reeditado em 12 volumes, entre 1907 e 1915, sob títulos diversos, reapareceu em 1922, em edição condensada e sob o título original.

Totemismo, 1887.

Pausanias' Description of Greece (Descrição da Grécia, de Pausânias), 1898.

Pausanias and other inquiries (Pausânias e outras investigações), 1900.

Lectures on the Early History of the Kingship (Preleções sobre a história primitiva da realeza), 1905.

Adonis, Attis, Osiris, 1906.

Psyché's Task (A tarefa de Psiqué), 1909.

Totemism and Exogamy (Totemismo e exogamia), 1910.

The Magic and the Evolution of Kings (A magia e a evolução dos reis), 1911.

Taboo and the perils of the soul (Tabu e os perigos da alma), 1911.

The Spirits of Corns (Os espíritos dos cereais), 1912.

Letter of William Cowper (Carta de William Cowper), 1912.

Balder the Beautiful (Balder, o Belo), 1913.

Addison Essays (Ensaio de Addison), 1915.

Folk-Lore in the Old Testament (Folklore no Antigo Testamento), 1917 e 1918.

Sir Roger Coverley and other essays (Sir Roger Coverley e outros ensaios), 1920.

Apollo-dore (Apolodoro), 1921.

The Polynesia (A Polinésia), 1922.

Aftermath, Supplement to the Golden Bough (Suplemento a O Ramo Dourado), 1936.

A tradução castelhana da edição condensada de *O Ramo Dourado*, feita por Elizabeth e Tadeu I. Campuzano, foi publicada pelo "Fundo de Cultura Económica", México, 1944.

dentária do erudito coincidem — e não por acaso — ao trazer para o primeiro plano o problema das culturas primitivas.

A curiosidade humanista de conhecer a fundo o *como* e o *porquê* das *antiguidades* já implica uma ousada ampliação da atitude espiritual européia, em virtude da qual o homem *moderno* é capaz de se colocar, intelectualmente, em disposição tal, que lhe permita considerar sua própria existência como “um caso”, possível entre outros e suas próprias formas de vida como algo contingente na História. A realidade básica desta disposição objetiva tem sido compreendida e divulgada: pode ser vislumbrada ao contato com outras civilizações, e, cedo iniciada com as Cruzadas, cada vez mais se estende e aprofunda, à medida que o Ocidente cristão entra em conflito contínuo, crescente e progressivo com o resto do planeta, até dominá-lo e organizá-lo de acôrdo com as suas diretrizes.

No curso dêste plurissecular processo de descobrimento e conquista — a cuja terminação estamos assistindo como testemunhas das expedições polares, dos últimos desenvolvimentos capitalistas, e, enfim, da guerra mundial — ao longo dessa aventura colossal, tem o homem ocidental feito repetidas experiências de formas culturais alheias à sua; vale dizer: tem enfrentado outras maneiras de ser homem as quais lhe causam espanto e estranheza...

O copiosíssimo material literário legado por esta ingente experiência histórica ainda permanece à espera de recompilação, sistematização e estudo (1). Procede em grande parte, como era de esperar, não daqueles que realizaram as faça-

(1) Isto constituiria tarefa para uma equipe de investigadores, que trabalhasse em um Instituto ou Seminário, talvez durante anos. Os critérios de classificação poderiam ser, de início, os seguintes: a) Notícias de primeira mão, fornecidas por conquistadores, expedicionários, missionários, etc. Incluir-se-ia aqui tôda a literatura dos descobridores e colonizadores, assim como informações oficiais de funcionários e trabalhos de cientistas. Seu estudo far-se-ia sob o duplo aspecto da exatidão objetiva e da reação intelectual e emocional do objeto da experiência (teorização expressa ou implícita); b) Notícias de segunda mão, recolhidas e comentadas por escritores. Estudar-se-ia a reação intelectual e emocional, dando-se realce ao índice de credulidade e ao desenvolvimento da interpretação; c) Obras de ficção sobre viagens e países exóticos (utopias, novelas americanas, novelas orientais, literatura infantil, relatos de expedições imaginárias, etc.): Por sua maior liberdade e plasticidade, tais obras oferecem excelente material para o estudo da atitude em face de culturas estranhas.

nhas de viagem, descobrimento e conquista, mas dos que os acompanharam ou seguiram com o objetivo de fazer a penetração e assimilação cultural que completaria sua obra. Uns e outros — caudilhos, exploradores e aventureiros; comerciantes e técnicos; missionários de diferentes credos e investigadores científicos — têm podido recolher e transmitir notícias a respeito dos povos com os quais sua tarefa os põe em contato. Tais notícias, mais ou menos penetrantes e sagazes, mais ou menos inspiradas em mera curiosidade ou em verdadeiro propósito de investigação científica, mais ou menos deformadas por erro de observação ou de juízo, foram concretizando no mundo ocidental a impressão da insubstancialidade dessas formas de cultura, que variam, assim, de lugar para lugar, de uma época para outra, que diferem de um para outro grupo humano e que, não obstante sua diversidade, produzem de vez em quando criações espirituais dignas de assombro ou, pelo menos, que têm valor inegável.

À medida que se afirmava esta impressão na consciência do Ocidente, tornava-se cada vez mais imprescindível uma revisão de princípios, uma ampliação e aprofundamento do problema do homem, uma vez que já se tornara impossível manter cerrada e íntegra a ingênua confiança nas posições espirituais da cultura cristã, posta em crise pelas novas experiências. O sistema de convicções fundado na Teologia católica não só resultava incompatível com o conhecimento vital de culturas alheias e com o conhecimento intelectual da cultura clássica, mas também êste conhecimento tornava relativa a própria cultura, propondo ao homem ocidental cristão, com dramática insistência, a questão de saber o que seja, em essência, o Homem (tema central da Antropologia filosófica) e, conseqüentemente, qual a forma cultural adequada à sua verdadeira natureza (tema, em primeiro lugar, da Filosofia política e jurídica e, em segundo, da Sociologia).

A constituição de ideais de cultura, racionalmente estabelecidos a partir de uma Antropologia filosófica — ideais segundo os quais — por coincidirem, como se poderia esperar, com as tendências da época — se pretendia que a civilização estivesse em marcha — conduz, por sua vez, à comparação entre aquêles padrões e os da realidade presente. Obras como o *Discours sur l'origine de l'inégalité parmi les hommes* seriam com o tempo o fruto maduro dessa comparação: era

necessário reformar as leis e os costumes para pô-los de acôrdo com a “verdadeira natureza”, lutando contra superstições irracionais.

E volta-se, assim, a vista para a realidade social presente em cujo seio se descobre um conjunto de atitudes mentais e *modus vivendi* que — à semelhança daqueles com os quais se defrontaram os viajantes e missionários em zonas remotas da terra — não comportam redução a têrmos racionais: são as superstições, os preconceitos. Trata-se, sem dúvida, de sobrevivências de formas primitivas ainda não superadas pelo progresso, mas que, não obstante, hão de ser eliminadas por êle, em sua marcha inexorável rumo à uma racionalização que edificará a vida do homem de acôrdo com as exigências de sua natureza essencial.

Os ideais de cultura derivados da Antropologia filosófica permanecem agora definitivamente firmados, contrariando, de um lado, as formas culturais alheias (2) e, de outro, as próprias culturas, segundo a realidade histórica. Diante dêles se reputam *primitivas* tôdas as formas culturais práticas, no grau e medida em que se afastam daqueles únicos padrões que a civilização *moderna*, desembaraçando-se dum lastro de erros e rotinas, visa atingir.

Ao cabo desta sumariíssima excursão temos aqui indicados os três campos onde colhe o seu material aquela Antropologia que — para diferenciar da filosófica e da naturalística — podemos denominar sociológica. Citaremos, em primeiro lugar, as protoformas ou estruturas originárias das que mais tarde se tornaram culturas superiores, segundo o que delas se pode reconstituir por intermédio da filologia clássica. Exemplos importantes dêste tipo de investigação seriam os estudos arquiológicos de BACHOFEN (a respeito do simbolismo sepulcral dos antigos, da doutrina da imortalidade na teologia órfica, etc.) assim como seu famoso *Matriarcado (Das Mutterrecht)*, e o célebre livro de FUSTEL DE COULANGES — *La Cité Antique*.

Em segundo lugar, temos os estudos sôbre os chamados povos primitivos, e, principalmente,

(2) E' de notar-se que as culturas alheias, a seu turno — especialmente a cultura clássica greco-romana, tal como entendida a partir do Renascimento — em face da realidade presente erigiram-se em *ideal*, e isso com tamanha eficácia que o menos que pode produzir é assombro.

Por outro lado, em virtude de sua proximidade com a natureza, o selvagem também foi idealizado, em certa época, como protótipo de humanidade.

aqueles que foram realizados com o propósito sistemático de reunir “material” de investigação. Da sua multiplicidade poder-se-ia citar, como exemplo, o livro de CODRINGTON, *The Melanians*, ou o de SPENCER-GILLEN, *The Native Tribes of Central Australia*.

Finalmente, as recompilações e interpretações do folclore, que conserva, em nossa civilização, vestígios de atividades mentais e de instituições sociais desaparecidas, identificáveis, porém, sob a aparência pitoresca de crenças, costumes e jogos populares, cuja reconstituição e registro se tem feito, na maioria das vêzes, em função da arte.

São êsses, repito, os três campos onde a Antropologia sociológica obtém seu material. Para selecioná-lo, dentre o inesgotável conjunto da realidade, utiliza como critério o da racionalização negativa; dirige sua atenção e seu interêsse para tudo aquilo que, embora sendo especificamente humano — criações objetivas, conteúdos de consciência ou atitudes diante do mundo; embora sendo “cultura”, se mostra arredio — pelo menos assim parece — a uma interpretação racional, permanecendo, pois, fora da linha do progresso civilizador, que é o eixo da cultura moderna.

Isola, dêste modo, como objeto de conhecimento particular, tudo o que o homem tem produzido à margem da técnica e do pensamento que a serve, englobando aí os conteúdos mais heterogêneos e inserindo êsse conjunto no esquema do processo civilizador, na qualidade de “etapa prévia”.

À medida que se propõe a captação das formas originárias da socialização e a regularidade de sua evolução dinâmica, esta Antropologia sociológica vai permitindo sua redução a um capítulo da Sociologia geral; enquanto estuda apenas os conteúdos culturais da vida primitiva pode ser reduzida a um capítulo da Sociologia da Cultura, ilustrando, aqui e ali, problemas das sociologias especiais. Qualquer que seja, porém, a intenção concreta de seus cultores, ela se dissolverá, por êste ou aquêle meio, na Sociologia.

Isto se evidencia claramente na obra de um de seus maiores cultores: Sir JAMES GEORGE FRAZER. Cada uma de suas produções se propõe um tema particular de investigação, seja a lei da sucessão ao sacerdócio de Diana de Aricia, como no *O Ramo Dourado*, seja a descrição da Grécia,

de Pausânias, seja, ainda, a exogamia relacionada com o totemismo, etc. E seu desenvolvimento tem toda a fluidez, todo o encanto necessário para fazer de livros tão extensos leitura agradabilíssima não só para os especialistas, como para qualquer pessoa que tenha o senso do drama. O leitor encontra em tais livros inesgotável estímulo à curiosidade e sente estremecimentos freqüentes ao adivinhar o mistério através de fugazes lampejos. Sob a atmosfera poética, porém, que, independentemente da vontade do autor, envolve o material por êle utilizado, pode-se descobrir o conjunto de conceitos — ou preconceitos — com a ajuda dos quais o elabora, valendo-se de conjecturas e associações que o conduzem a resultados já previstos — pelo menos com o caráter de hipóteses — em uma construção mental que muito se aproxima da Sociologia sistemática, se é que não cai mesmo, em cheio, em seus domínios.

Não se trata, pois, somente do fato de serem suas obras um viveiro riquíssimo, onde os sociólogos sistemáticos se podem prover abundantemente de fatos com que alimentar suas teorias. Os livros de FRAZER estão, em verdade, repletos de tais fatos significativos, procedentes dos três campos já indicados: etnológico, clássico e folclórico, e têm sido largamente utilizados por aquela espécie de sociólogos (basta recordar *As formas elementares da vida religiosa*, de DURKHEIM, e as obras de seus discípulos, em geral). Êle mesmo, entretanto, faz sociologia sistemática, ao mesmo tempo que procura o sentido de certas instituições e se afana em busca de regularidades. Se seus pressupostos metodológicos permanecem informados — é notório, todavia, o empirismo do seu ponto de partida e resultam óbvias, ainda que não explícitas, as premissas intelectuais de seu procedimento — em troca falam por si mesmos os resultados de sua investigação, do mesmo passo que oferecem, com os dados aduzidos, teorias destinadas ao esclarecimento de problemas sociológicos de fundo. Êstes problemas pertencem principalmente à Sociologia do conhecimento, à Sociologia da Cultura, à Sociologia religiosa, à Sociologia política e à Sociologia jurídica. Por uma questão de método, consignaremos aqui alguns de seus aspectos, em relação a êstes ramos da Sociologia.

Vejamos em primeiro lugar, o que se refere ao problema da mentalidade primitiva. Segundo

FRAZER, “o selvagem concebe com dificuldade a distinção entre o natural e o sobrenatural, comumente aceita pelos povos já mais avançados em civilização. Para êle, o mundo está funcionado graças a certos agentes sobrenaturais, que são entes humanos agindo por impulsos e razões semelhantes às dêle próprio e, como êle, propensos a modificar-se, mediante apelos à sua piedade, a seus desejos e temores” (*O Ramo Dourado*). Todavia, “de par com êste conceito de um mundo impregnado de forças espirituais, o selvagem possui outro — diferente e provavelmente mais antigo — no qual se pode chegar a encontrar rudimentos da idéia moderna da lei natural, ou seja a consideração da natureza como uma série de acontecimentos que ocorrem em ordem invariável e sem intervenção de agentes humanos” (*Idem*). Encontramos juntas, assim, no homem primitivo, duas mentalidades diferentes, duas concepções distintas, que, aliás estão igualmente representadas no homem civilizado.

Êsse outro conceito — *conquanto provavelmente mais antigo* — poderia servir de base à magia, cujo pensamento só se diferenciaria do pensamento científico por ser “uma sistemática falsificação da lei natural, e, ao mesmo tempo, um enganoso guia de conduta, uma ciência falsa, assim como uma arte estéril, improdutiva” (*Origem mágica da realeza*). Certamente, a lógica do pensamento mágico é implícita, não explícita, para seu objeto; o mesmo ocorre, porém, com todo tipo de pensamento, no que se refere à maioria dos homens; racionam “exatamente como digerem seus alimentos, isto é, ignorando completamente os processos fisiológicos e mentais indispensáveis a uma e outra operação” (*O Ramo Dourado*), ficando reservada ao investigador científico a tarefa de desenredar a meada e estabelecer as leis a que o pensamento obedece.

Quais são estas leis, a que o pensamento mágico se refere?

“Se é exata nossa análise da lógica dos magos — escreve FRAZER no mesmo livro — suas duas grandes leis não serão mais que duas distintas e errôneas aplicações da associação de idéias... por semelhança... e por continuidade”. E mais adiante: “Desta maneira, seu conceito fundamental — o da magia — é idêntico ao da ciência moderna, baseando-se todo o sistema na crença ou fé — implícita, porém real e firme — na or-

dem e uniformidade da natureza... Vemos, assim, que é estreita a analogia entre os conceitos mágico e científico do universo. Em ambos, supõe-se as séries de acontecimentos perfeitamente regulares e certas, determinadas por leis imutáveis, cujas atuações podem ser previstas e calculadas com precisão. Os fatores *capricho*, *sorte* e *acidente* são eliminados do curso natural”.

Conforme se pode verificar, a teoria de FRAZER mostra, de um lado, uma dualidade de estilos mentais, correspondentes a duas concepções do mundo, e, de outro, uma identidade entre o espírito do homem primitivo e o do homem civilizado, na qual coexistem também ambas as concepções do mundo e os correspondentes estilos mentais. Essa teoria tem sido criticada (3) precisamente por aplicar ao mundo de representações do homem primitivo as categorias mentais do homem moderno; contudo, abstraindo das diferenças psíquicas, não seria melhor considerar casualidade essa aproximação da ordem intelectual, da qual deriva o reconhecimento da absoluta validade dos princípios lógicos?

Dessas duas concepções principais FRAZER extrai toda a criação da cultura, dando origem, de imediato, à religião e à magia, respectivamente. Entende êle por religião “uma propiciação ou conciliação dos poderes superiores do homem, os quais — acredita-se — dirigem e governam o curso da natureza e a vida humana. Assim definida, a religião constitui-se de dois elementos: um teórico e outro prático; isto é, uma crença em poderes superiores aos do homem e uma tentativa dêste para torná-los propícios para satisfazê-los... “Se a religião, no entanto, implica, em primeiro lugar, a crença em seres sôbre-humanos, que regem o mundo e, em segundo, a intenção de atrair-lhes as boas graças, dela se deduz claramente que o curso da natureza é, de alguma forma, elástico ou variável e que nós podemos persuadir ou induzir os poderosos seres que o governam a desviarem de seu leito, e em nosso benefício, a corrente de fatos”.

Ressalta daí, bem claro, o contraste com a magia. Logo depois escreve em *O Ramo Dourado*: “Assim, quando a religião supõe o universo dirigido por agentes conscientes, aos quais se pode

mudar de intenção por meios suasórios, diverge fundamentalmente tanto da magia como da ciência, porque ambas pressupõem que o curso natural não está determinado pelas paixões ou caprichos de seres humanos, mas sim pelo efeito de leis imutáveis, atuando mecânicamente”.

Partindo da religião, chega-se à idéia do homem-deus, investido de poderes sobrenaturais — por haver-se a êle incorporado um desses seres divinos, que caprichosamente governam a natureza — enquanto que, partindo da magia, alcança-se a noção de capacidades técnicas especiais, para governar a natureza por meio do conhecimento e domínio de suas regras. A magia — que, segundo vimos, corresponde, para FRAZER, à atitude originária do homem — serve de alicerce aos “pilares da sociedade civilizada” (*A tarefa de Psiqué*) — o poder real e o Estado, a propriedade privada, o matrimônio...

No *O Ramo Dourado* reuniu a essência do material e das conclusões contidas em seu livro “*As origens da realeza*”, no qual estuda a formação primitiva do poder político, tomando como ponto de partida o fato, freqüentemente observado, de que “os magos evoluíram até chegar a chefes e reis”. Já FUSTEL DE COULANGES estabelecera o caráter sacerdotal da realeza primitiva, sem distinguir entre magia e religião. FRAZER, consciente da diferença entre uma e outra, vai mais longe neste estudo, prestando aí, provavelmente, sua mais decidida colaboração à Sociologia. Sustenta que, antes de adquirirem o caráter de sacerdotes de uma divindade ou o de encarnação de deuses, os magos haviam-se transformado pouco a pouco em reis, mercê da autoridade adquirida no exercício afortunado da magia pública e em virtude da qual se acreditava estar em suas mãos a prosperidade do grupo. Esta transformação permite a passagem da democracia gerontocrática (tradicionalista e estagnada) à monarquia do homem mais hábil, audacioso e enérgico (o magno afortunado), sob cujo poder a comunidade adquire maior e mais ágil capacidade de adaptação.

A êste respeito, apóia-se o nosso autor em abundantes exemplos dos povos contemporâneos, considerados primitivos ou selvagens, e na comprovação de vestígios mágicos nas monarquias históricas, inclusive em algumas muito próximas de nós. O caso do rei do bosque, sacerdote, de Diana de Nemi, com que introduz a *O Ramo Doura-*

(3) Cf. MAUSS Y HUBERT, *Esquisse d'une théorie générale de la magie*, in “*Année Sociologique*”, 1902/3, págs. 20-85.

do, serve-lhe de elo entre os exemplos recolhidos dos povos primitivos e os extraídos da realidade histórica, assim como de base para deduzir as regras de sucessão dêste arcaico poder real (4).

E se a constituição dessa monarquia bárbara tem suas raízes na magia, mágicos são também os fundamentos de instituições jurídicas tais como a propriedade privada e o matrimônio. Os fundamentos da primeira repousam nos tabus indi-

(4) "Empregando linguagem técnica, cremos haver sido a sucessão ao trono de Roma e provávelmente de todo o Lácio, determinada por leis especiais, que moldaram as sociedades primitivas em muitas partes do mundo, ou seja a exogamia, o casamento *beena* e o matriarcado ou linhagem matriarcal. Exogamia é a lei que obriga um homem a casar-se com mulher de tribu diferente da sua. Casamento *beena* é a lei que o obriga a abandonar seu povo para viver com o de sua mulher; e matriarcado é o sistema que consiste em vincular o parentesco e a transmissão de nomes de família pela mãe em vez de pelo pai". "Na tradição escandinava encontramos vestígios de costumes parecidos". "Algumas vezes, aparentemente o direito à mão da princesa e ao trono foi determinado por um duelo". De FRAZER, no capítulo XIV de *O Ramo Dourado*.

viduais, que unem as coisas a seu dono. "O resultado da "tabuização" — escreve FRAZER, na *A Tarefa de Psiqué* — é o de apresentar os objetos, aos olhos dos indígenas (refere-se, especialmente, à Polinésia), como portadores de uma virtude mágica, que torna quase impossível a qualquer pessoa que não o seu dono, aproximar-se deles. E' pois, um efeito da magia contaminante ou de contigüidade. Por idêntico mecanismo chega-se à proteção e proibição de certas relações sexuais. FRAZER apresenta, também aqui, um enorme contingente de fatos, em corroboração de suas teses. Estas têm sido criticadas, corrigidas, retificadas ou impugnadas, o que, aliás, prova sua importância e fundamental acêrto. Teorias elaboradas posteriormente, como, por exemplo, as de alguns adeptos da escola durkheimiana (PAUL HUVELIN, DAVY), têm levado em conta a colaboração de FRAZER e nela se apoiado, em maior ou menor escala.